

PEREIRA, Carlos Lemes. 'Fantasma do túnel' aterroriza Vila Industrial: Aumenta o número de relatos sobre uma estranha aparição luminosa de forma humana, mas sem rosto, que apavora os moradores. Correio Popular, Campinas, 17 set. 1992.

CARLOS LEMES PEREIRA

Luz no túnel deixou de ser uma expressão típica de alívio, nos últimos dias, para moradores da Vila Industrial, de ruas próximas à antiga passagem subterrânea de pedestres que liga o bairro à Rua Lidgerwood, no centro de Campinas. Acumulam-se relatos de pessoas que teriam deparado, à noite, no local, com uma misteriosa aparição de forma humana, mas "sem rosto" e capaz de emitir uma luminosidade quase cegante. Para alguns, o "Fantasma do túnel" já é uma figura consagrada, embora apavorante.

Os céticos ensaiam uma explicação mais compatível com esse tumultuado final de milênio: tudo não passaria de um assaltante ou desequilibrado mental, atuando encapuzado e munido de uma lanterna potente. A polícia não possui registros de assaltos ou outras opções violentas no local, envolvendo as características da "aparição". De qualquer forma, mais uma deixa para lendas: a ala "realista" dos moradores já fala no "Maníaco da Lanterna".

Construído em 1918, como integrante do Complexo Ferroviário — hoje patrimônio histórico da cidade — o estreito túnel sempre foi um atalho eficaz entre a Vila Industrial, bairro mais antigo de Campinas, e o Centro. A conveniência do percurso de apenas 160 metros ainda anima muita gente a encarar o túnel, apesar de o local servir constantemente de ponto de assaltantes (ou fenômenos mais recentes, como o que anda instigando a imaginação popular naquela área). Uma motivação válida até para Benedita Soares, 71 anos, que pensa já ter "trombado com a alma penada". Mas que no início da noite de ontem, descia impavidamente a escadaria da Rua Antônio Manoel, que dá acesso ao túnel, pela Vila Industrial.

Sob a arcada de concreto, martelada pela chuva forte, Benedita traçou o sinal da cruz na testa com o dedo e embrenhou no túnel, sem fechar a sombrinha. "A vantagem da assombração não é cegar a gente com a luz dela?", observou. Ciente de que a explicação foi incompleta, acrescentou: "Então, assim eu rebato os clarões." E seguiu caminho, passos rápidos, entre as paredes cobertas

pelos grafites das gangues urbanas de jovens.

Anízia Ximenes, 50 anos, moradora há 30 nas imediações do túnel, traz uma contribuição histórica para o caso do fantasma brilhante: "Não é de hoje que falam nessas coisas. É que aqui, há muitos anos, existiu um cemitério. Quando alargaram a Avenida João Jorge, no final dos anos 60, encontraram muitas ossadas."

Transversal ao emboque do túnel, a Rua Francisco Teodoro é cheia de placas avisando sobre vielas sem saída. Muitas das casas de lá também apresentam rachaduras nas estruturas, o que sempre foi atribuído à trepidação provocada pelos trens nos trilhos, logo acima. Mas na nova conjuntura fantástica do lugar, há quem suspeite que os danos sejam causados por agentes bem menos materiais.

"Bobagem!", exclama Nelson Prado, nascido há 45 anos na rua. Frequentador assíduo da animada sapataria do Borges Mineiro, Prado é um dos defensores da tese do "Maníaco da Lanterna". Para ele, "taí um jeito novo de assustar a gente dentro desse túnel mal-afamado, onde até as luminárias são quebradas pela molecada". E reforça: "Não existiu o Bandido da Luz Vermelha? Pois então, esse aí quer imitar..."

Antes que Prado consiga arregimentar adeptos no grupinho que se espreme na sapataria, Jurandir Borges, 61 anos, o sapateiro, interveém, com a voz pausada: "Em Minas, na minha São Sebastião do Paraíso, já vi muita coisa que pensei ser gente, desaparecer em porta que logo descobri que nem existia..." Como um atestado à argumentação do mineiro, um gato preto resolve passear pelo balão. Aí, ninguém resiste e todos falam ao mesmo tempo: "Esse aí é bisneto de outro gato preto que caiu de uma jabuticabeira e ficava pelos muros, assustando as pessoas com sua perna manca e um miado doloroso pra caramba."

Um breve silêncio na sapataria e o morador Aldemir Carneiro, 40 anos, desfecha: "É, não dá pra desfazer dessas coisas, não..." Sentindo-se vencido, Prado apela para uma saída honrosa: "Assombração ou bandido, a verdade é que estamos ilhados, apesar do túnel."